

Acesse conteúdos exclusivos

 >>

cadastre-se | esqueci senha

Encontre no Portal Agrolink ...

Buscar

COTAÇÕES
Vaca Gorda 15Kg
Nobres (MT)R\$ 80,23
↑ 0,29 %

Home

Agricultura

AgrolinkFito
Armazenagem
Aviação Agrícola
Fertilizantes

Fórum **Novo**
Problemas

Sementes

Culturas

Arroz
Milho
Soja
Cereais de Inverno

Negócios

Agromáquinas
Cotações
Oportunidades

Notícias

Notícias

Serviços

Agrobusca
Agrotempo
Conversor
Colunistas
Eventos
Feiras e Fotos
Georreferenciamento
Viagens Técnicas
Vídeos

Comercial

Mídias
Serviços
Conteúdo gratuito

Veterinária

Febre Aftosa
Saúde Animal
Vacinas

Fale Conosco

Notícias



Milho: Pondo ordem na casa

31/10/12 - 15:41

Por *Rubens Augusto de Miranda e João Carlos Garcia

Situação Mundial

Com o fim da colheita do milho no hemisfério Norte, uma análise da situação atual de abastecimento e dos preços pode ser interessante para ilustrar como os agentes econômicos se comportam em um período de crise e como isto afeta o comportamento do mercado. Nesse sentido, a quebra da safra americana de milho, em função da seca que se verificou no verão de 2012, aliada a uma situação de baixíssimos estoques, criou uma perspectiva potencialmente crítica em termos de abastecimento interno deste cereal no ano civil de 2012/13 em escala mundial. A primeira reação do mercado frente a uma situação inimaginável há alguns anos foi de alarme, resultando no aumento do preço do milho a patamares nunca vistos. A ideia do mecanismo de preço é que, no curto prazo, o aumento funcione como indutor de racionamento e de distribuição da menor quantidade disponível entre as possíveis aplicações deste cereal (tais como insumo de produtos industrializados, alimentação animal e alimentação humana). Esse movimento "natural" dos preços, definido pela demanda e pela oferta disponíveis, é visto pelos economistas como uma ação da mão invisível do mercado.

O problema é que, uma vez identificado o remédio pelo mecanismo acima, que pode ser o desestímulo de determinada atividade produtiva, começaram os protestos contra seu gosto ruim. Inúmeras vezes se levantaram contra a utilização do milho para a produção de etanol, alegando que esta utilização afetava o custo dos alimentos e levava a fome aos desnutridos dos países pobres. Se esquecendo de que a maior parte do milho comercializada no mundo se destina à alimentação de animais e não da população pobre. Além disso, a maior parte do milho que circula no mercado mundial é importada por países ricos. A África, por exemplo, consumiu em 2009 cerca de 39 milhões de toneladas de milho para alimentação humana e cerca de 46 milhões de toneladas de trigo (um cereal mais caro) para a mesma finalidade, segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO).

Normalmente, nessas circunstâncias, após passar a fase de alarme, a situação começa a se direcionar para um novo equilíbrio e verifica-se que as perspectivas iniciais geralmente são mais drásticas do que deveriam ser, que os ajustes não são tão amargos quanto os previstos e que os ajustes ocorrem de forma gradativa. Mais do que isto é um jogo, onde os mais afoitos perdem.

No que se refere às secas que assolaram os hemisférios Sul e Norte em 2012 e à consequente alta do milho, a primeira constatação é de que os preços subiram muito mais do que o necessário. Na Bolsa de Chicago, hoje os preços estão cerca de 10% mais baixos do que o máximo verificado no dia 10 de agosto, com tendência a se estabilizarem ao redor de US\$ 7,50 por bushel (cerca de US\$ 295 por tonelada). Estão também cerca de 20% mais elevados do que o último patamar de preços (ao redor de US\$ 6,50 por bushel, ou seja, US\$ 255 por tonelada), que vigorou entre o final de 2011 e a primeira metade de 2012.

Tomando-se por base os EUA, o ajuste esperado no mercado de milho resultante da redução de produção da ordem de 42 milhões de toneladas (em relação à safra anterior) ficaria, segundo o USDA, dividido entre a alimentação animal (-10,5 milhões de toneladas), a produção de etanol (-12,7 milhões de toneladas), a exportação (-10 milhões de toneladas) e a redução de estoque (-9,4 milhões de toneladas). A redução esperada para consumo humano seria ao redor de 1,5 milhão de toneladas. Desta forma, as contas fecham, com um pequeno aumento na importação de milho por este país (+ 1,2 milhão de toneladas). As reduções percentuais seriam: alimentação animal (-9%); produção de etanol (-10%); exportação (-25%); estoque final (-37%); e consumo humano (ao redor de 5%). As diminuições dessas diferentes rubricas permitiram a estabilização do preço do milho no patamar de US\$ 8,00 por bushel (US\$ 338,57 por tonelada), podendo cair num futuro próximo. Vale lembrar que, no auge da seca, se especulou sobre a possibilidade dos preços ultrapassarem a casa dos US\$ 10 (US\$ 393,68 por tonelada). Apesar do atual viés de baixa, grandes aumentos no futuro ainda não estão descartados. Isso vai depender do desenrolar das próximas safras. Apesar disso, o ponto importante é que os preços ainda continuarão altos e remuneradores.

Do ponto de vista do mercado de milho mundial, o que interessa são as reduções das exportações e do estoque final nos Estados Unidos. Do lado dos estoques, aumenta a possibilidade de uma nova crise de preços, visto que a rede de segurança fica cada vez mais limitada, o que aumenta a vulnerabilidade em caso de eventos climáticos que afetem a produção de milho em países chaves. Para piorar, metade dos estoques mundiais de milho está hoje na China e, como tal, estão "esterilizados" em função da política local de abastecimento interno. Além do mais, tomam-se mais frequentes decisões de países exportadores de produtos agrícolas em estabelecer restrições às exportações sempre que as condições dos mercados internacionais induzam altas de preços nos mercados internos, como Argentina e Ucrânia fazem com frequência. Felizmente, este comportamento tem sido mantido fora de consideração no Brasil.

Do lado das exportações dos Estados Unidos, a cada safra este país deixa de ser um porto seguro para o fornecimento de produtos agrícolas pelos países com produção insuficiente para suas necessidades. Duas opções existem para estes países: o direcionamento de suas compras para os exportadores emergentes (Brasil e Ucrânia); ou o investimento em tecnologia para o aumento da produção interna de alimentos.

Para finalizar, cresce cada vez mais nos países exportadores tradicionais de milho (Estados Unidos e Argentina) a demanda por milho para produção de etanol. Enquanto nos Estados Unidos o percentual já atinge os 10% da mistura com a gasolina, existem indícios de que a Argentina está perseguindo seriamente a meta de 5% de mistura. A cada safra, novas destilarias estão sendo instaladas e, face às restrições à exportação de produtos agrícolas neste país, cresce a viabilidade do uso do cereal para esta finalidade. A Argentina já é o maior exportador mundial de biodiesel (de óleo de soja, naturalmente), o que ilustra a tendência de os grandes produtores tentarem agregar valor a seus produtos agrícolas, seja para uso interno ou para exportação. Uma péssima notícia para os países dependentes da importação de produtos agrícolas.

Situação Interna

No Brasil, os preços do milho continuam na faixa entre R\$ 24,00 e R\$ 29,00 o saco, nas principais regiões consumidoras, apresentando uma tendência de elevação. Isto, apesar da grande oferta de milho no mercado interno (que favorece a baixa), contrabalançada pela falta de milho no mercado externo (que impulsiona os preços para cima). Esta queda de braço vem sendo ganha pela incrível capacidade de escoamento de nossos canais de exportação que, de certa forma, desafiam a cada ano os prognósticos pessimistas de nossa infraestrutura. Quem poderia supor a possibilidade de se exportar 2,7 milhões (em agosto) ou 3,1 milhões (em setembro) de toneladas de milho no Brasil em um mês? Cabe lembrar que, até então, o recorde de exportação mensal de milho era de 1,93 milhão de toneladas em setembro de 2010. Deve-se assinalar que ocorreram exportações até pelo porto de Ilhéus-BA, o que definitivamente não seria de se esperar e demonstra as possibilidades que existem para aproveitamento da capacidade já instalada (o porto de Ilhéus tem sido utilizado para eventuais exportações de soja oriundas da região de Barreiras-BA).

compartilhar

mais

Conteúdo GRÁTIS

Cadastre-se e tenha acesso **gratuito** a diversos serviços especiais.

Cadastre-se

Comentários: 1

Visitas: 527



Inicial

Notícias

Clipping

Busca Avançada

Eventos

Coopavel 2012

De uma maneira geral, os preços internos estão muito semelhantes aos verificados no ano passado em praças como Uberlândia-MG, Cascavel-PR e Lucas do Rio Verde-MT, o que mais uma vez confirma o posicionamento alarmante dos setores consumidores de milho no Brasil (talvez derivado da perspectiva de preços baixíssimos em decorrência da super safrinha). Apenas no Rio Grande do Sul nota-se maior diferencial entre os preços verificados nos últimos meses e em épocas similares no ano passado.

Quanto à safra a ser colhida em 2013, ainda é muito cedo para se realizar prognósticos com alguma chance de ocorrência. Os valores informados pela Conab neste mês incluem uma safrinha com área igual à do ano de 2012 e uma redução nos rendimentos relativamente pequena em relação a esta mesma época em 2012, o que torna os números apresentados ainda muito preliminares. De concreto, por enquanto, ainda está o início não muito favorável do plantio no Rio Grande do Sul. Algumas áreas perdidas pela falta de chuva após o plantio foram replantadas com soja, o que aumenta a área desviada do milho para a soja, fato esperado de ocorrer também em outras regiões do Brasil. Por outro lado, no Mato Grosso, a área já plantada com soja assegura uma disponibilidade confortável para plantio da safrinha na época mais favorável. Entretanto, tudo isto ainda é muito preliminar.

O que fornece algum conforto é a quantidade de milho que estará disponível no início de 2013, que pode se transformar em ameaça para os preços recebidos pelos agricultores ao longo desse ano. Porém, para que isto aconteça, seria necessária a conjunção de vários fatores, tais como: uma boa safra de milho no verão; uma safrinha sem problemas (nunca é demais lembrar que a safrinha é sempre uma safra de risco); e, para finalizar, ao menos uma safra normal nos Estados Unidos (qualquer situação melhor do que está ocorrendo neste ano passa a ser excelente). Mesmo assim, o efeito deste conjunto de fatores somente seria verificado no segundo semestre de 2013. Até lá, qualquer alteração sensível é pura especulação.

*Pesquisadores da área de economia agrícola da Embrapa Milho e Sorgo

As informações são do Boletim Informativo do Centro de Inteligência do Milho - Ano 5 - Edição 54 - Outubro de 2012.

Agrolink com informações de assessoria

Notícias Relacionadas

- 01/11/12 » Timer molecular pode ajudar a aumentar a produção de tomate
- 01/11/12 » Produção de café do Peru cai por escassez de trabalhador e praga
- 01/11/12 » Plano ABC é apresentado no Congresso Nacional
- 01/11/12 » Novembro inicia com previsão de tempo encoberto na maioria dos Estados
- 01/11/12 » Ministro recebe delegação europeia

Comentários (1)

Comente esse conteúdo preenchendo o formulário abaixo e clicando em enviar

Nome:		Mensagem:	
E-mail:			
<input type="button" value="Enviar"/>			

Desejo receber as atualizações dessa página em meu email.

- Opiniões expressas nesse ambiente são de exclusiva responsabilidade do autor e não necessariamente representam o posicionamento do Portal Agrolink.

01/11/2012 - Glória a Deus! *(Edivaldo)*



[Agrolinkfito](#) | [Agromáquinas](#) | [Oportunidades](#) | [Cotações](#) | [Notícias](#)
[Colunistas](#) | [Eventos](#) | [Cadastre-se](#) | [Agrotempo](#) | [Feiras e Fotos](#) | [Vídeos](#)
 Ip: 189.112.179.237 Cod: -1 Est: -1 Cid: -1



Siga o Agrolink também nos seguintes sites

